



VILLA DO CONDE.

NA margem direita do rio Ave e a meio quarto de legua da sua foz, defronte de Azurara, está Villa do Conde, situada em terreno chão, com um formoso campo em sua ribeira, desfructando as vantagens de porto marítimo, da salubridade do clima, e da abundancia dos fructos. Os seus moradores, em numero de 3:200, pela maior parte se occupam no

commercio e pescarias. A agricultura consiste geralmente no cultivo de cereaes, e de boas hortaliças, sendo especiaes os repolhos, que, vindo a semente do norte, se deram optimamente neste territorio; de peixe costuma haver bom provimento; e o porto só é capaz de navios pequenos. Na boca da barra ha um forte, que foi principiado por D. Duarte, duque

de Guimarães, por traça d'um engenheiro italiano; continuado pelo duque D. Theodosio pelos annos de 1624, e concluido em tempo das guerras da Acclamação contra Hespanha: antes de construido o forte, havia uma plataforma com 4 peças d'artilheria, no sitio onde está a capella de N. S.^a da Guia, muito da devoção dos mareantes, que foi oratorio dos principes fundadores do convento de St.^a Clara, como abaixo diremos.

Tem por armas a villa uma nau á véla: a sua igreja parochial, da invocação de S. João Baptista, consta ter sido erecta por mandado d'elrei D. Manuel. Dizem que em 1636 o conego Belchior Mayo alcançou uma pedra que nesta terra se achára, e que levando-a ao Porto a vendêra a um estrangeiro por 25.000 rs., e que este depois a vendêra em París por setenta mil cruzados, e que era uma muito perfeita saphira marinha: appareceram mais outras pedras porem de inferior valia.

Ha quem diga que D. Sancho 1.^o fundára Villa do Conde em 1200: mas parece certo que a povoação é muito mais antiga, e que alli houvera um castello chamado *Castro*, nome que indica obra dos romanos, e esteve no assento do actual convento de freiras. Foi senhor da terra o conde D. Mendo Paes Rofinho, donde lhe veio ser chamada Villa do Conde. Elrei D. Diniz a doou a D. Maria Paes Ribeira, e aos filhos que della teve. Passaram a possuil-a os Menezes, pelos casamentos de D. Theresa Sanches, filha do mesmo monarcha, e da dita D. Maria Paes. Depois do que outro filho bastardo do mesmo rei e de D. Aldonça Rodrigues de Telha ou Sousa, D. Affonso Sanches, e sua mulher D. Theresa Martins de Menezes, filha herdeira do senhor desta villa, o primeiro conde de Barcellos, foram os fundadores do mosteiro de St.^a Clara, de religiosas franciscanas, onde estão sepultados. É este edificio boa fabrica, e accommodada ao seu destino, com sumptuosa igreja, rica d'alfaias para o culto divino: recebe agua por um aqueducto de grande extensão que corre paralelo á costa. Foi outrora habitado por 120 freiras, as mais dellas fidalgas. Este mosteiro foi opulento, mas a maior parte de seus rendimentos eram dizimos e outros direitos senhoriaes, que estão hoje abolidos; foi por muitos annos donatario da villa e de outras da mesma provincia, bem como de Alcoentre em Riba-Tejo: a abbadeça com seu ouvidor sentenciava as apellações das sentenças do juiz, e absolutamente possuia todos os direitos reaes. Houve porem contestações com a corôa já em tempo de elrei D. Duarte e muito depois governando D. João 3.^o, de que resultou perder-se a final este senhorio e jurisdicção, instituindo o soberano por donatario em 1537 a seu irmão o infante D. Duarte; e por casamento da senhora D. Catharina, filha do infante, com D. João, duque de Bragança, entrou esta Serenissima Casa, hoje felizmente reinante, na posse da villa.

Não muito distante, obra de quarto de legua, está a Póvoa de Varzím, villa de 6:000 habitantes, com um pequeno porto d'enseada, em que antigamente entravam navios: é povoação antiga, de que foi senhor D. Gotterres, francez de nação, que a este reino veio com o conde D. Henrique, o qual lhe fez mercê desta terra com outras ao pé de Guimarães e de Braga. O foral lhe foi dado por D. Diniz, que a doou a seu filho, Affonso Sanches, que a legou ao mosteiro de Villa do Conde, que fundára; ao qual, depois de revertida á corôa, ainda no seculo passado pagavam quatro mil réis annuaes e o solho que alli morria. É terra de bastante pescaria.

Tambem pertenceu ás freiras de Santa Clara a

povoação, nada pequena, de Azurara, fronteira a Villa do Conde na margem do sul ou esquerda do Ave. Consta que lhe deu foral antes de 1107 o conde D. Henrique, e que de villa passou a ser logar, apesar de ter justias proprias, que nomeava a camara da cidade do Porto. A sua formosa igreja fundou elrei D. Manuel assim como outras muitas nesta provincia do Minho.

ANNA GINGA, RAINHA DE MATAMBA.

2.^o

Restauração d'Angola—Ultimos annos d'esta rainha.

GINGA, que pelo baptismo se appellidára D. Anna de Sousa, mulher de varonis espiritos, mas, como seus ascendentes, refalsada e de maliciosas intenções, assim que em seus dominios pôde governar sem apparencia de alheios obstaculos, recusou logo pagar tributo a elrei de Portugal, e esquecida dos favores que dos portuguezes recebêra, renegando da fé christã e da lealdade dos tratados, começou a dispor-se para accommetter os nossos, invadindo e assolando as terras d'alguns sóvas, nossos feudatarios, reduzindo o rei de Dongo a extrema vexação tanto pela guerra aberta com que lhe devastava o territorio, como pelos enredos e promessas com que incitava os subditos d'elle a declarada rebellião. Eramos obrigados a defender este régulo nosso alliado pelo reconhecimento de vassallagem, que nos prestára, e em rasão do tributo que por isso pagava. Governava então Angola Fernão de Sousa, senhor de Gouvêa, que tomára posse em 1627, o qual, desejoso de acudir ao Dongo e reprimir os furores de Ginga, mandou um corpo de tropas escolhidas ás ordens de Bento Banha Cardoso, honrado e valente official, que morrendo no caminho foi substituido por Paio de Araujo de Azevedo, que lhe não era inferior em merecimentos. Achava-se Ginga nas ilhas de Queinalonga vexando rijamente os nossos vassallos; mas Paio de Araujo depois de submeter e castigar os rebeldes, marchou contra ella, que se retirava, entrando-lhe pelos estados, até que no combate de Quilombo, sanguinolento e porfioso, a desbaratou e poz em fuga, tendo-lhe causado mui grande destroço, cahindo prisioneiras as duas irmãs da rainha, e muitos dos principaes; continuou logo a persegui-la, aproveitando-se da victoria, até que a encontrou com o resto dos seus na Quina-grande dos Ganguelas, sitio de barrocas tão profundas e de tão difficil acesso que os soldados se desceram por cordas (1), donde a desalojaram obrigando-a a refugiar-se no reino dos Songos. As duas irmãs, Cambé e Fúnge, que ficaram em poder dos nossos, foram conduzidas com humanidade e decencia a S. Paulo d'Assumpção, de Loanda, capital do reino d'Ango-

(1) Os esforçados feitos d'armas dos portuguezes, praticados na Europa e na India oriental, são geralmente os mais sabidos e vulgares; todavia as brenhas da America e os sertões africanos foram igualmente theatros de inclitas acções e proezas militares, que para terem o merecido preço só precisam ser tiradas a publico desenterrando-as de muitas memorias, ou antigos livros pouco lidos. Se isto se fizer ganhará a nossa historia novo lustre esmaltando-se com brilhantes episodios, que se devem entresachar com os grandes e mais conhecidos factos em que abunda; e assim se evitará no futuro o defeito do commum dos historiadores, que só attentam nas batalhas em que entraram muitas tropas, nos assedios ou defezas de vastas cidades e praças, nas crises politicas ou revoluções que transtornaram todo um estado, deixando no esquecimento successos dignos de commemoração, não obstante o diminuto ou obscuro do logar em que aconteceram.

la, onde o governador as recebeu e fez tratar com estimação, mandando-as instruir nos mysterios da nossa santa Fé; e ambas foram baptisadas, e de suas respectivas madrinhas, D. Barbara da Silva, e D. Engracia Ferreira, senhoras principaes da terra, tomaram os nomes, a saber, Cambe o de Barbara, e Fúnge o de Engracia. A primeira veio a succeder nos estados a sua irmã Anna de Sousa, por morte desta. Houve quem aconselhasse a Fernam de Sousa que retivesse como refens as duas princezas pretas: porem o governador levado do brio e natural generosidade da nossa nação não quiz em tal concordar, antes mandou que fossem enviadas ao seu paiz de Matamba com muitos presentes e regalos.

No governo do immediato successor de Sousa, D. Manuel Pereira Coutinho, não ousou Ginga, cortada dos passados desastres, inquietar-nos ou aos nossos tributarios; alem de que este governador com o completo vencimento de Ambuiladua, régulo dos mais soberbos e valentes d'entre aquella pretaria, conteve e intimidou os habitantes dos sertões, e sopeando a audacia dos piratas hollandezes, que com elles contra nós conspiravam, e que antecedentemente tinham incommodado o estado, alcançou fazer respeitadas e obedecidas as armas portuguezas; de fórma que indo substituí-lo, em 1635, Francisco de Vasconcellos da Cunha achou tal pacificação que mais entendeu em evitar as guerras que em desafiar-las, e sem ameaço bellico conseguiu que Anna Ginga desimpedisse as estradas e franqueasse o commercio, conciliando as rixas que entre ella e outros sôvas, subditos nossos, ou entre estes reciprocamente se sustentavam com prejuizo de todos; podendo então voltar contra os ambiciosos e perturbadores hollandezes toda a fôrça do estado (2).

Sucedeu-lhe Pedro Cesar de Menezes em 1639; recresceu a guerra activa que, por causa da Hespanha, e por ampliar seu commercio nos fazia a Hollanda, e chegaram a grande apuro as nossas cousas na Affrica occidental, pela chegada d'uma soberba frota daquella potencia. Então Ginga e outros régulos logo ajustaram alliança com os hollandezes, e de infelizes successos tomaram pé para nos negarem obediencia e hostilizar-nos. Foi o governo de Pedro Cesar, pela força das circumstancias, o mais desastroso: os hollandezes estavam de posse de Loanda, os portuguezes retirados no presidio de Massangano, e ainda que depois da paz entre os Estados Geraes da Hollanda e Portugal por occasião da exaltação da Serenissima Casa de Bragança ao throno, e depois da malograda tentativa para recuperar a capital de Angola, houvesse, restabelecida a tranquillidade, mutua correspondencia entre as duas nações europeas, não deixavam os sôvas rebellados de aproveitar-se da conjuntura e perseguir-nos, e foi necessario valor, constancia, e sacrificios para reprimi-los e manter-nos.

Seguiu-se a Pedro Cesar o governador Francisco de Soutomaior, em cujo tempo os hollandezes fraudulentamente quebraram as treguas, e por elles instigada Anna Ginga juntou tropas para tomar de sobresalto os nossos presidios; porem marchando contra ella Gaspar Borges de Madureira á frente de poucos mas determinados portuguezes obteve absoluta victoria, deixando os negros no campo dois mil

dos seus e cinco hollandezes que com elles andavam. E notavel que nesta facção cahiu segunda vez prisioneira D. Barbara, irmã da rainha.

Cheguemos porem a uma das epochas mais notaveis e nobres da historia angolense. Salvador Corrêa de Sá e Benavides era governador do Rio de Janeiro e tinha ao mesmo tempo a patente de capitão-general do reino d'Angola com incumbencia particular de remediar os damnos que sobre este pesavam. Empenhou-se portanto em mostrar aos brasilienses os males que resultavam do dominio estranho em Angola, e o quanto convinha restaura-la. Concorreram os do Rio com voluntario e largo donativo para a empreza, e o governador sahiu a 12 de Maio de 1648 com uma armada de 15 embarcações [4 compradas á sua custa] com 900 combatentes e as munições necessarias: foi dar fundo a Quicombe, e passou a examinar o sitio em que tinha ordem da côrte de Portugal para levantar uma fortaleza. Chamou a conselho os officiaes da armada e expoz-lhe que lhe ordenavam não quebrar a paz ajustada entre a nossa corôa e os hollandezes, mas isto no caso d'estes a cumprirem a nosso respeito; era porem sabido o quanto elles vexavam os portuguezes e opprimiam seu commercio, e que por isso julgava de obrigação ajudar e socorrer os naturaes contra os estranhos, maiormente quando nos prejudicavam em nosso proprio territorio, que tinham usurpado e de que recolhiam os fructos, por nós a tanto custo plantados. Foi approvado o seu parecer, e a frota demandou a barra de Loanda, e apenas chegada mandou Salvador Corrêa notificar ao director hollandez que elrei lhe ordenava edificasse uma fortaleza ou feitoria em Quicombe, para que os portuguezes do sertão tivessem livre communicação com os que fossem de Portugal, sem alterar a paz jurada com os Estados Geraes; mas que elles hollandezes eram os proprios que a tinham infringido, tratando mal os nossos, e incitando á rebellião os sôvas nossos tributarios; que o melhor para evitar sangue e ruinas seria renderem-se elles e entregarem a praça, porque lhes segurava airosa capitulação.

Pedi o inimigo, para dar resposta a esta proposição, o praso de oito dias, os quaes findos, tornou a terra o secretario do governador, que levára a primeira embaixada, instruido dos signaes que devia fazer para dar noticia se os hollandezes cediam ou tomavam a defensiva; como elles escolheram o segundo partido, assim que o signal foi visto, a um tiro de peça da capitania, pôz pé em terra a um tempo toda a infantaria. Ganhou o general á frente das tropas o corpo da guarda e as casas do governo na praça, e como os hollandezes tinham abandonado o fortim de St.^o Antonio, com 6 peças d'artilharia deste e 4 que trouxera de bordo mandou bater a fortaleza de S. Miguel onde o inimigo se recolhêra, e por ultimo a assaltou, e ainda que a não pôde levar tal foi o desalento dos que a defendiam que pediram capitulação, e acceitas as condições propostas, sahi-ram em numero de 1:100 europeus e quasi outros tantos negros, ficando admirados e pesarosos de se terem rendido quando viram o pequeno numero dos nossos. Foram logo embarcados a bordo de tres navios, excepto alguns officiaes que ficaram para recolher alguns dos seus que ainda andavam pelo sertão, os quaes assim que chegaram se reuniram aos outros, e deram todos á vela no mesmo dia. E porque se passou tão memoravel acontecimento em 15 d'Agosto de 1648 se ficou chamando a capital d'Angola cidade de S. Paulo de Assumpção de Loanda, accrescentado o segundo titulo á antiga denominação; celebrando annualmente com festa e procissão

(2) Não passaremos em silencio a lealdade deste Francisco de Vasconcellos da Cunha, alcaide-mór da villa do Seixo, que, acabado o seu governo d'Angola, estando muito estimado na côrte de Madrid, com o titulo de marquez de Porto-Santo e outras mercês, quando se acclamou elrei D. João 4.^o, tudo largou para se passar a Portugal e vir servir seu rei natural e a independencia da Nação.

o senado da camara a memoria de tão venturoso acontecimento. Benguella sem resistencia se entregou, mandando a esse effeito Salvador Corrêa duas naus; arrazaram-se as duas feitorias de Penda e de Loango; e em poucos dias ficou limpa d'hollandezes a costa tanto do norte como do sul. Breve foram castigados os negros rebeldes, nomeadamente o rei do Congo, que mais favor déra aos intrusos; e D. Anna de Sousa [a rainha Ginga] temerosa do exemplo que nos outros via, com supplicas repetidas e protestações de obediencia, que enviava dos mattos onde se abrigára, alcançou seu perdão.

Como não é nosso intento escrever a historia de Angola, onde em combates contra invasões estranhas e em lutas com os indigenas se illustrou, como em toda a parte, o valor portuguez, mencionaremos o termo da vida da varonil rainha Anna Ginga, digna de outra educação e de melhores climas, e que apesar de sua ferocidade e traições deu sempre mostras d'animo superior ao seu sexo e aos trabalhos, e de espirito que sendo convenientemente cultivado seria mais isento de defeitos e mais capaz de grandes obras: porque até entre barbaros a natureza é mais prodiga para com uns do que para com outros de seus dons e favores, e o que se nota nas qualidades physicas se observa igualmente nas faculdades do entendimento. Se esta mulher nascesse na Europa, e fosse herdeira d'um grande estado seria talvez uma Christina, ou uma Isabel. Se estas tinham orgulho, e ciúme da propria dignidade, Ginga não lhes cedia nesse ponto: citaremos um facto.

Quando pela primeira vez veio a Angola a compor as desavenças de seu irmão com os nossos, sendo admittida á audiencia do governador, depois seu padrinho, notou que na sala havia uma cadeira só e defronte della duas almofadas de veludo sobre uma rica alcatifa, e suspendendo-se por momentos, voltou-se e fez signal a uma de suas escravas, a qual immediatamente se poz no chão em postura de com as costas lhe servir de banco: este assento tão singular occupou Ginga durante a audiencia em que deu provas de seu natural talento. Ao despedir-se, observaram-lhe que a negra que servira de cadeira estava na mesma postura extravagante, ao que respondeu, rindo-se, que não ficava alli a sua escrava por inadvertencia, mas sim porque as irmaãs de principe tão poderoso, como era Gola-Bandi, não usavam duas vezes de traste de que uma se servissem.

Ginga apostatou, como dissemos, mas para o fim de sua vida, ouvindo e recebendo os conselhos e admonições dos padres capuchos italianos, que no governo de Salvador Corrêa tinham entrado em Angola, converteu-se sinceramente, e regendo o mesmo estado Luiz Martins de Sousa Chichorro (3), dirigiu a este uma carta em que lhe patenteava o seu arrependimento e reconciliação com a igreja, o pesar que tinha da ingratidão com que retribuira as

(3) E' notavel a morte e sepultura de Luiz Martins de Sousa Chichorro, que fôra capitão de Malaca, e passou a governar Angola em 1655, havendo-se neste cargo com acerto e felicidade. Este facto comprova o que da voracidade e numero dos caranguejos da America escrevem viajantes e naturalistas. Sahiu Chichorro d'Angola para o Brasil, e encontrou na costa um corsario hollandez, que abalroou o navio; defenderam-se os nossos desesperadamente, e só foram vencidos succumbindo ao numero, quando o governador foi passado d'uma bala pelos peitos; quizeram os vencedores lançar os prisioneiros ao mar, mas á força de muitos rogos conseguiram estes serem desembarcados na Bahia da traição, onde Luiz Martins falleceu ao terceiro dia; sepultaram o cadaver na praia os companheiros, mas foi tal a devoração que nelle fizeram os caranguejos que em menos de vinte e quatro horas lhe consummaram a carne.

finezas dos portuguezes, e que de tudo demandava e esperava perdão, lembrando-lhe que assim como um Sousa, cujo apellido ella tinha, lhe dera o primeiro conhecimento da fé chistaã, em tempo de outro Sousa vinha pedir esquecimento de passados agravos e entrar de novo no gremio dos verdadeiros catholicos. Permaneceu depois inalteravel na obediencia dos divinos preceitos e pratica de exercicios piedosos, occupando-se alem disso em civilisar os seus vassallos e espalhar entre elles as verdades da religião que abraçára: mas neste meio tempo lhe atalhou a morte os designios, fallecendo em 17 de Dezembro de 1663, contando já 82 annos de idade, segundo escreve o seu historiador, o P.^e Antonio de Caeta.

DOS MALES QUE A PORTUGAL VIERAM COM A UNIÃO DE CASTELLA.

PARA que nos não esqueçamos do que fomos iremos numerando brevemente os males continuos, e castigos duplicados, com que Deus tantos annos esta monarchia castigou severo, depois do consorcio infausto de Castella.—Assaz memoraveis foram as calamidades enormes que sobre as Ilhas dos Açores descarregaram, magoando entre ellas sobre tudo a morte do segundo Viriato portuguez D. Francisco de Portugal, illustre conde do Vimioso. Atraz disto se seguiu a entrada dos inglezes neste reino, tomando a fortaleza de Cascaes e de Peniche, estando quatro dias ás portas de Lisboa, com designios só de saquea-la. Em o anno de 1594 tomaram estes mesmos o arrecife de Pernambuco com tudo o que nelle acharam, e a fazenda de uma nau da India que alli estava. Em o de 1595 tomaram o castello de Arguim na costa de Africa, bispado da Ilha da Madeira. Neste mesmo saquearam Faro, tomando as fortalezas do Cabo de S. Vicente e de Sagres, queimando o que nellas encontraram. Em o de 1596 entraram duas vezes Buarcos, villa deste reino, e depois de saqueada a destruíram. Em o de 1597 entraram as Ilhas de S. Miguel, Fayal e Pico, queimando uma nau da India, que em Villa-Franca estava. Em o Brasil saquearam estes mesmos a povoação de S. Vicente, fazendo outros males consideraveis, e finalmente na India a fortaleza de Quixome, com a famosa Ilha de Ormuz.

Em o anno de 1616 entraram os mouros a Ilha de St.^a Maria nas Terceiras, levando captiva quasi toda a gente, queimando tudo o que melhor na Ilha encontraram. Em o de 1617 entraram estes proprios a Ilha do Porto Santo, junto á Ilha da Madeira, deixando-a em um incendio como Troya. No Brasil entraram os francezes a Ilha de Tamaracá, roubando os engenhos da Bahia, e toda a capitania dos ilheus. Os hollandezes roubaram a Ilha de Sanctiago em Cabo-Verde, sendo já a primeira vez o mesmo pelo Drake, fazendo sua viagem tão afamada. Roubaram a Ilha de S. Thomé, e o Porto da Cruz, e todas as mais da terra firme em Cabo-Verde. Em Angola cercaram a cidade de Loanda, queimando muitas embarcações dentro na barra, tomando as fortalezas de Cacheu, Ocre, e depois a Mina.

Em a India se fizeram donos das Molucas, tomando a fortaleza de Tidore, com tudo o demais que ahi gosavamos. Goa tres vezes por elles foi cercada: Malaca tambem, defendendo-a André Furtado de Mendonça. Ao vice-rei D. Martim Affonso de Castro queimaram sem remedio uma armada. Em o Brasil, no anno de 1624, tomaram a cidade da Bahia: depois, em de 1630, a illustre e famosa praça de Pernambuco; depois disto as fortalezas do Rio

Grande, Porto Calvo, e Tamaracá; as cidades de Paraíba e Ceará, com as mais até Serecipe, levando de costa mais de trezentas leguas. Todos estes entraram á vindima em nossa vinha, achando os muros e portas derrocadas.

.....
Estribava-se o bom successo maritimo desta monarchia em a fortaleza e poder naval, que ordinariamente corria nossos mares, segurando as frotas, e outros atrevimentos de corsarios: para isto havia deputado o rei certa copia de direitos e outras rendas, que sendo por officiaes nomeados pelos homens de negocio distribuidas, se via o que bem se gastava, e o que faltava, accudindo-se com o remedio ordinario: para isto offereceu a Ilha da Madeira o quinto do assucar, promettendo os reis guardar a costa, correndo as perdas por sua conta e risco. Esta fazenda e direitos metheu Castella em seus gastos e serviços de tal sorte, que chegou a não haver uma fragata neste reino para accudir a uma pressa, havendo tantas. Ficou neste Oceano sendo livre o campo a quantos piratas o queriam ser de nossas limitadas embarcações. O mesmo era virem do Brasil em um anno cem navios que escaparem o dizimo, e os mais irem aonde o desamparo os obrigava. Serviam nossas armadas á sua custa a Castella, e as desta coroa a Portugal por nossa conta, pagando-lhe de antemão todos os gastos.

Já todos fugiam de servir a Portugal, pois só os portuguezes que medravam eram os que se entregavam a Castella como servos: obedeciam nossos generaes até aos almirantes castelhanos. Não faltava quem comesse a renda destes mares, sem haver um barco em que exercitar os cargos, que ociosamente se gosavam, desfraudando-se com isto o nome e reputação dos portuguezes em todo o mundo; que Portugal sem armadas é tocha sem luz, pois com ellas allumiou as mais escuras partes do universo, sendo bastante uma caravella rasa deste reino para assombrar os mouros tantas vezes. — *Antonio Veloso de Lyra. Espelho de Lusitanos.*

INVECTIVA CONTRA O OURO.

SE as causas são pelos effeitos conhecidas, e elles testemunham a excellencia ou maldade dellas, qual o foi de maiores males e damnos na redondeza, e mettendo os homens em mais perigosos trabalhos que o ouro, a quem com muita razão podiam todos chamar peste do mundo?... Diz Plinio que não contentes os homens com o que a superficie da terra produzia para sua recreação e mantimento, a formosura das arvores, a diversidade dos fructos, a belleza e cheiro das flores, a verdura das ervas, o esmalte das boninas, a abundancia dos legumes, quizeram desentranhar do centro della os segredos que a benigna natureza nos escondia. Nasce o ouro nas entranhas dos montes, e nas arterias occultas dos penedos, e subindo como arvore da profunda raiz donde começa, vai espalhando os ramos em desigual medida, convertendo o sol com seus poderes aquella materia disposta e propinqua, até que chega a ser ouro, e se demonstra por duvidosos signaes na face da terra, que logo daquella emprehidão se mostra triste, dando por indicios da riqueza que encerra erva descorada, delgada, subtil e sequinhosa; area e barro leve, secco e sem proveito; e até as aguas que por entre as veias descem sahem cruas, e com sabor pesado. Espreitando estes signaes a industria humana entra fazendo guerra ao profundo, caminhando por debaixo dos montes, sustentados em co-

lumnas da mesma terra, deixando a vista do sol e das estrellas, pondo as vidas ao risco das ruinosas machinas que mil vezes os opprimem; que tanto a nossa sede fez cruel a benigna terra, que parece menor temeridade tirar do fundo do mar perolas e aljofar que do seu seio o inimigo ouro, que ainda então o não é mais que nas esperanças. Depois de tirado com tão custosas diligencias, sahido como parto de venenosa vibora, rompendo as maternas entranhas, com o fogo se aparta, apura e aperfeigoa, ficando menos apto para o serviço dos homens, na cultivação dos campos e arvoredos, e mais aparelhado para sua destruição e ruina; porque ou se lavra para ostentações e demasias da vaidade, ou se bate e cunha em moeda, cujo preço tyrannisa os poderes e graças da natureza. Tirou o ouro a valia a todas ellas, e fez em si estaque de todos os commercios do mundo, e apoderou-se tanto de tudo o que na terra havia, que veio a ser preço até da liberdade dos homens, contra o direito natural em que viviam. Foram crescendo seus atrevimentos, e se antes de sahir do centro da terra começou a matar os homens, sahindo della se levantou contra o ceu, fazendo guerra de rosto a rosto a todas as virtudes. — *Francisco Rodrigues Lobo. Côrte na Aldea.*

REFLEXÕES SOBRE A MORTE.

1.º

A PALAVRA *morte* é o contraposto da palavra *vida*, e á privação desta segue-se aquella. Entre estes dois vocabulos ha porem uma differença que consiste em que a vida tem principio, meio e fim, e a morte nenhuma destas epochas conhece. É uma privação, uma chimera, um nada: — é o termo prescripto pela natureza, ou posto á vida por meio da violencia. A morte no bruto é apenas a cessação da existencia, mas no homem é a privação da vida animal, e a separação mysteriosa da alma espiritual, que pela destruição da sua morada passa a viver independente em outro mundo. É debaixo destes principios que a alma do justo occupará o primeiro lugar em nossas reflexões, o principal objecto das quaes é dissipar alguns erros que a ignorancia confunde com a religião.

Morte natural.

No momento em que se cria o feto a vida corporea é nada, ou quasi nada: — augmenta pouco a pouco, dilata-se, e, á medida que o corpo cresce, vai ganhando a necessaria força. O corpo tenro da creança só mostra vida no alento, na circulação do sangue, e no grito involuntario, causado pela dor ou privação. A cabo de alguns mezes mostra affectos, ancias e desejos que não póde satisfazer, e com os annos apparece nelle a vida com tanta força que ao entrar na adolescencia é todo vida. O bruto em podendo trabalhar para si está completamente formado, e é por isso que a natureza ensina os pais a emancipa-lo, cortando para sempre todas as communicações com elle.

No homem existe uma alma racional, cujo poder se manifesta á medida que os orgãos por onde opera se aperfeigam; e se este aperfeigoamento vem cedo, cedo mostra a alma a sua força, como acontece áquelles genios extraordinariamente prematuros. Depois do homem crescer, envelhece; começa-lhe o corpo a decahir; a quantidade de vida diminue gradualmente, e gradualmente se vai reduzindo ao nada. A alma sobe a outra esphera, e o corpo dissol-

ve-o a putrefacção, a fim de produzir novos entes animaes e vegetaes.

Para que temes pois a morte se ella é tão natural como a vida? Se é por te privar da companhia de teus filhos, da de teus amigos, e das commodidades que tens gosado no mundo; pela mesma razão deverias chorar e affligir-te por não teres nascido cincoenta annos mais cedo, para começares a desfructar desde então o que com a morte vais agora perder. Sendo a vida e a morte disposições divinas devemos receber ambas as cousas com a mesma resignação. Dirão alguns que ignorando como se lhes transmitiu a vida, lamentam comtudo a aproximação da morte. Se os que assim fallam e discorrem são homens que por effeito de seus crimes a provocaram, deixemo-los a braços com as suas angustias, para tratarmos dos que morrem naturalmente, pois a vida é um sopro comparada á eternidade.

Ha quem imagine que os paroxismos da morte são acompanhados de crueis dores physicas; é este o primeiro erro que vamos impugnar. A morte é menos terrivel do que se pensa; é um espectro que em certa distancia nos assusta, mas que ao aproximar-se desaparece. O homem que considera a morte acompanhada de acerbos dores, e crueis agonias, tem noções mui falsas deste momento na grande maioria dos casos. Para que hade o homem procurar mais males, se a bastantes o condemnou a natureza e o Creador? Na vida mil necessidades, mil penas e trabalhos que podéra evitar; — comido de inveja pelo que os outros possuem, e de aborrecimento pelo que lhe pertence; e na morte figurando duros tormentos que só existem na sua imaginação. O que é certo é que o homem morre sem o sentir, e que quasi todos os enfermos passam desta vida tranquillamente e sem dor alguma. Aquelles em quem a agitação causada por movimentos convulsivos indica dores e soffrimentos, é mui de presumir que padeçam só na apparencia: — os gestos e agonias horrorisam mais os espectadores do que atormentam o enfermo.

Observa-se que os moribundos que recuperam os sentidos depois dos symptomas da morte não teem idea alguma de que hajam soffrido a menor dor. Cumpre não perder de vista que fallámos dos que em qualquer idade morrem de febres, ou por decadencia da natureza, no que verdadeiramente consiste a morte natural. Emquanto aos gestos e agitações dos musculos, podem reproduzir-se nos corpos mortos por meio do galvanismo, e consequentemente sem dor.

Ninguem temeria morrer se todos se applicassem a saber o que é a morte, e em que ella consiste, isto é, se aprendessem a morrer como philosophos, e como adoradores d'um Deus que se compraz em perdoar e ser amado, e não em castigar e ser temido.

O verdadeiro catholico quando enférma prepara-se para a morte. Se a sua consciencia lhe diz que é justo não se altera quando lh'a annunciam, antes recebe a nova com placidez. Tudo observa tranquillamente; abraça e beija sua mulher e filhos; despede-se dos amigos; e a morte é para elle um acontecimento ordinario da vida, ou antes o desempenho de uma commissão que recebeu, e de que vai receber um premio infinito.

Quão serena é a morte do homem justo! Quão tranquillo o seu passamento quando deixa o theatro do mundo! Quão forte é nelle o sentimento da immortalidade! O que tem pois a temer o justo no momento em que se vai unir ao ente supremo para gosar da gloria celeste?

«Desejo ardentemente a morte, dizia um grande

santo, para voar á presença de Christo» — e poucos minutos depois entregou o espirito ao Creador, ficando-lhe o rosto sereno até baixar á sepultura. Supponhamos agora que o enfermo tem sido grande peccador: — não achará elle refugio no balsamo espirital do arrependimento e absolvição? Não é um principio de fé christã a esperanza de que Deus hade perdoar mediante um sincero arrependimento? Não bastará esta fé para que o peccador aguarde tranquillamente a hora do seu comparecimento ante o Creador?

Sendo estes os principios que constituem a nossa crença, pôr-se-ha o maior cuidado em não atormentar o que jaz no leito da morte com declamações atterradoras — com brados que augmentam na proporção das suas agonias. É para que Deus o ouça? Isso seria suppor que Deus está dormindo. É para que se lembre de quem está morrendo? Oh que ridiculo absurdo! Deve portanto haver melindrosa escolha procurando-se o sacerdote que hade acompanhar e auxiliar o enfermo na hora extrema; fugirse-ha de chamar clérigos de *requiem*, que desempenham tão delicada missão com insensibilidade e indifferença, e que, para assim dizer, agonisam por officio; pelo contrario buscar-se-hão ecclesiasticos doutos e graves, de modos cortezes e de vida exemplar.

(Continuar-se-ha.)

THOMÉ DE SOUSA COUTINHO ENTRA Á FORÇA A CIDADE DE MOMBAGA.

ALVORAÇADO e igualmente ambicioso o corsario Mir Alebet com as muitas riquezas que no anno de 1587 sacára da costa de Melinde, e excitado por alguns reis da mesma costa a que os viesse defender e livrar da oppressão dos portuguezes, para o que lhe contribuiriam quantiosas sommas, e lhe prometteram outras mais quantiosas, preparou 4 galés e uma fusta, e todo o genero de armas e petrechos que podiam servir á defensão e á expugnação; e com este poder grande em si, e muito maior a respeito da debilidade do nosso naquellas terras, as encheu de alegria e de terror, segundo a disposição dos animos daquelles principes amigos e inimigos. Veio muito senhor de si discorrendo de cidade em cidade, desfructando de cada uma as contribuições promettidas, e pedindo pelas bocas dos canhões outras de novo, com o que vieram a experimentar aquelles povos onde esperavam patrocínio as maiores hostilidades. Todavia intentando expugnar Melinde sahiu mal hospedado, porque achou alli a Matheus Mendes de Vasconcellos, capitão da costa, que supprindo a falta do poder com o excesso do valor, o fez passar adiante com mais pressa e menos presumpção. Fez assento em Mombaga, cujo rei o desejava mais que todos, por ser o mais empenhado na expulsão dos portuguezes. Dalli se fez dominante em mar e terra, roubando igualmente a mouros e a christãos, porque a sua cobiça não fazia distincção entre uns e outros. Era então governador da India Manuel de Sousa, e sendo-lhe presente a consternação em que se achavam os vasallos de Portugal naquellas partes, mandou a seu irmão Thomé de Sousa Coutinho com 900 homens, distribuidos por vinte baixes a castigar os turcos e aos reis que se haviam declarado a seu favor. Chegando a Mombaga achou nella fortificado Mir Alebet, como quem já esperava o assalto; e mettido no rio da cidade com as quatro galés, guarnecidas as margens de soldados e bocas de fogo, lhe parecia estar seguro a todo o nosso poder. Mas não lhe succe-

deu como cuidava, porque ao primeiro ataque renderam facilmente os nossos duas galés, e logo outras duas em que acharam maior resistencia, e morreram quatro portuguezes, e dos turcos mais de setenta. Foi muito maior o numero dos captivos, e outro muito grande de christãos, livres do captivo e do remo. Apresaram-se trinta canhões; e sobre tudo riquissimos despojos, que haviam sido preza de muitos mezes, vieram nestes dias ás mãos dos vencedores, os quaes entrando na cidade, reedificaram em grande parte no espaço de dois annos, a entregaram outra vez ao fogo, bem como tudo o que estava em pé nas terras circumvisinhas. Ao mesmo tempo se achavam fronteiros na terra firme os musimbas, nação de cafres ferozes por nascimento, ladrões por officio, e tragadores de carne humana por costume, cujo capitão mandou dizer ao nosso:—*Que pois os portuguezes eram deuses do mar, e os seus o eram da terra, lhes dessem licença para buscarem os turcos e mouros que se haviam recolhido ao interior dos bosques.*—Concedeu-se-lhes, e com incrível velocidade atravessaram um pequeno braço de mar, e mettidos pelo matto [como nas montarias os sabujos] foram seguindo e matando sem distincção de sexo ou de idade. Era lastimosissimo espectáculo ver homens e mulheres, velhos, moços e meninos, correndo para o mar, mettendo-se pela agua até o pescoço, á vista das nossas embarcações, desejando e pedindo a escravidão como grande felicidade. Foram recolhidos muitos; porem foram muitos mais os que pereceram, ou afogados no mar, ou despedaçados ás mãos dos musimbas. Entre os que os nossos recolheram foi um Mir Alebet, a quem Thomé de Sousa tratou com termos cortezes, de que elle se fazia merecedor pela grande constancia e prudencia que mostrou em tão extremada adversidade. Foi conduzido a Goa e depois a Portugal, aonde morreu christão. Succedeu esta importante facção em 7 de Março de 1589. (Ann. Hist.)

TANGERE — IMPERIO DE MARROCOS (*).

2.º

A POPULAÇÃO de Tangere é avaliada por uns em seis mil e por outros em oito mil almas: a cidade está assentada proximo ao cabo de Espartel á entrada d'uma ruim bahia; as diligencias que fizeram para nella formar um porto mediante um molhe de pedras soltas serviram só para fazer mais difficil a entrada; porque sendo o molhe ao lume d'agua correm risco de se perder os navios, que debaixo de temporal e de noite demandarem o porto: por isso os praticos da costa preferem em taes casos andar bordejando, e ancorar só de manhaã.

O aspecto de Tanager é como o d'uma pedreira de pedras esbranquiçadas; monotonia apenas interrompida pelo coruchéu que permanece da antiga mesquita, que é inteiramente da fórma d'um campanário dos templos catholicos, e pelas casas d'habitação dos consules estrangeiros, construidas todas á europea á excepção dos eirados á mourisca. As muralhas e baterias construidas pelos nossos antepassados estão

(*) As informações e noticias sobre Tangere moderna devemos a Mr. Hyppolite Genthon, que ha pouco residiu naquella cidade e em outros pontos d'Africa occidental, e agora se acha nesta côrte. Como testemunha ocular merece toda a confiança, alem de que renne ao talento de bom observador mui variados conhecimentos, e não vulgar engenho poetico, de que dá sobeja prôva na composição — *Les Cendres du Proscript*, que ha dias publicou, como specimen da collecção de excellentes poesias, que intenta dar á luz com brevidade.

em ruina completa; não curaram das fortificações, que os inglezes destruíram, os governadores mouros por ignorancia e avareza, e porque seguindo o fatalismo da sua crença pensam que com a protecção d'allah estão seguros contra todos os inimigos. Quando ha pouco se suscitaram desavenças entre a França e Marrocos, çausava riso ver os arabes assestar nas baterias os canhões velhos e ferrugentos que por certo nenhum dispararia seis tiros de seguida sem ficar inutilisado; era jucundissima cousa ouvir os seus *tyrteus*, ou cantores]marciaes, correndo as encrusilhadas e becos e dando graças a Deus de lhes offerecer a occasião d'exterminarem a *canzoada christã*, [como elles nos chamam] principalmente os francezes.

Como a maior parte das cidades arabes, Tangere tem ruas mui estreitas e quasi que nenhuma praça, porque uma, honrada pelos mouros com este nome, não terá mais de trinta passos de largura; e o mercado faz-se ás portas da cidade para o occidente. Nesta especie de feira, que ha um dia por semana, goza-se mui variado espectáculo pela diversidade de trajos dos concorrentes, de todas as côres de pelle desde o preto azevichado até o mais alvo branco europeu. Vem chegando os camponezes com os generos n'uma mão e a espingarda na outra; mas não obstante este apparatus guerreiro é uma gente mansa e incapaz de fazer mal.

A população de Tangere, como a de todo o imperio de Marrocos, appresenta em geral tres typos essenciaes e diferentes: primeiro, a raça mourisca, que é a mais formosa, e são os descendentes dos mouros, expulsos d'Hespanha e de Portugal: é esta a que desfructa podêres e bens: segue-se a raça arabe, e por ultimo a judaica, que se acha um tanto adulterada em rasão da continuada vida dissoluta que levam em Tangere as mulheres judias.

Os judeus, quer d'um quer do outro sexo, moradores no imperio de Marrocos, é a gente mais vil que póde haver no mundo; tanto em velhacaria como em infamia levam a palma a todos os judeus dos outros estados berberescos: os musulmanos são mais ferozes e intrataveis que os do resto da Berberia, porque são mais fanaticos e não tem tanta communição com os europeus, exceptuando os de Tangere, residencia dos consules que alem deste cargo servem de embaixadores, aos quaes não é concedido ir ao local onde habita o imperador sem expressa permissão deste: são aquelles mais restrictos observantes da sua lei que os turcos e arabes levanticos; ainda que, segundo resa a chronica escandalosa da terra, aos ricos não faltam vinho e viandas prohibidas, nem deixam d'usar dellas, e posto que em suas casas sempre com todo o recato.

Diz Mr. Genthon continuando as suas notas, que recopilámos, que em Tangere não ouvira fallar em *harems* (*), salvo o da casa do pachá ou governador: ainda que a polygamia é permittida, os pobres pelo commum só tem uma mulher, os ricos tem muitas mas cada uma em sua casa separada. Não ha fausto nem cousa que se pareça com o luxo oriental; no trem domestico e ornamentos as casas dos pobres apenas differem das dos ricos pelo tamanho, e por mais alguma limpeza; os vestuarios d'uns e d'outros distinguem-se somente pelo fino ou grosseiro da tela: nenhuns porem usam ornatos de côr ou de ouro. Os de todo miseraveis andam cubertos de farrapos; o traje geral consiste n'umas calças mui largas ou celouras, e uma tunica comprida; embrulham se alem disto n'uma facha de certa especie de gaza grosseira

(*) Vid. sobre os do Egypto a pag. 253 e 269 de 1.º volume.

mas transparente, trazida como capa á moda romana; cada um põe o turbante a seu geito; e por cima de tudo põe o *sullam*, especie de capote com um capuz pontudo; os nobres em vez de usarem de laã branca preferem as côres verde ou azul, mas o vulgo olha mal para esta moda, e aos que assim trajam chamam *turcos*, que é dos nomes mais injuriosos que entre elles se pôde dar, e a razão é a seguinte. Divide-se a religião musulmana em duas seitas distinctas, que se aborrecem com odio mortal, e reciprocamente se chamam hereticas: ora o imperador de Marrocos é cabeça d'uma, e o grão-senhor o é da outra, e por isso os marroquinos detestam cordialmente os turcos, como de oppostas doutrinas religiosas.

Todas as sextas feiras á hora das resas se fecham as portas da cidade; porque voga no povo uma tradição antiga de que n'um desses dias quando os *crentes* estiverem na mesquita os *infieis* [os christãos] entrarão a cidade.

O pachá ou governador da provincia de Tangere é, como todos os mais das outras provincias de Marrocos, uma especie de soberano tributario, que difficilmente se mantém no agrado do imperador: paga pela sua provincia uma determinada quantia, como por um casal: se a não satisfaz regularmente o imperador toma taes providencias que não lhe acontece segunda: se a paga com extrema pontualidade por uns par d'annos, o imperador (*que é grande moralista!*) quer que o governador como sabio e prudente se contente com pouco para viver, e calculando por outra parte que quem paga tão bem deve estar rico, despoja-o de todos os bens, e em troca da-lhe uma granja com dois ou tres bois. Slahoüi pachá, governador de Tanger, já por esta forma tem passado do fastigio da fortuna a mui humilde mediania; pelo que quatro vezes adquiriu riquezas meramente em prol do imperador. Ao terrivel dilemma imperial só poderiam subtrahir-se os pachás expatriando-se quando estivessem bem cheios, porem nunca o fazem, por fanatismo e apêgo ao paiz. É o pachá quem paga ou para melhor dizer *não paga* aos soldados; todos os mouros da cidade são soldados; os que tem cavallos são cavalleiros, os mais pertencem á infantaria nas expedições que todos os semestres se fazem, e que tem por fim a arrecadação dos impostos lançados sem mais regra que a precisão de dinheiro ou o capricho do governador. Este satisfaz aos soldados com uma insignificante moeda, salario que celebram com grande contentamento, *correndo a polvora* (*) manobra em que consiste todo o seu exercicio militar: isto é, em correrem a cavallo ou a pé ao longo das praias ou das planicies, aos seis ou oito de frente, carregando e disparando as armas, o que praticam com muita destreza e promptidão, como os beduinos das possessões francezas d'Argel.

Os mouros tem quatro grandes festas no anno (:), para que se preparam com muitos dias de jejum: nestas abstinencias lhes é prohibido comer e fumar, do nascer até o pôr do sol; mas a privação do tabaco de fumo lhes não é penosa como aos musulmanos do Levante, porque fumam pouco, ainda que em compensação tomam muito tabaco de pó. Os ricos, como em todos os paizes em que rege o alcorão, illudem o jejum, dormindo de dia e passando a noite

(*) Os nossos escriptores chamam-lhe jogo da polvora, como se pode ver a pag. 58 deste vol. na relação inédita da embaixada que da nossa côrte foi á de Marrocos em 1773, inserta em os numeros 147 e seguintes.

(:) Sobre as festas grandes dos musulmanos e suas practicas religiosas lea-se o artigo a pag. 242 do 1.º vol. deste jornal.

em banquetes; sem que por isso percam o direito de serem canonisados em vida. Verdade é que a prerogativa da santidade lhes não compete só, mas tambem aos doudos, que são os santos por excellencia; há por isso alguns que se fingem loucos para viverem ociosamente e sem precisões; porque todo o bom musulmano escrupulisaria recusar-lhes qualquer cousa que elles pedissem.

MARTIM AFFONSO DE MELLO.

CORRIA o anno de 1586 quando um corsario turco, Mir Alebet (*vid. a pag. 302*) veio com mão armada á costa de Melinde, convidado da fama que corria das immensas riquezas d'aquellas terras, e, achando favor em alguns dos das mesmas, singularmente no de Mombaça [inimigo sempre fatal dos portuguezes] fez a estes não poucos damnos, por achá-los tão faltos de pretensões para a defesa quanto andavam imbebedos no ancioso desvello da mercancia.—Cheio de presas, mas não farto, o Alebet voltou para o estreito do Mar-rôxo d'onde viera, promettendo voltar com maior podêr, e assegurando que com elle extinguiria os christãos de toda aquella costa.—Chegaram estas noticias a D. Duarte de Menezes, vice-rei, que então era do Estado da India, e parecendo-lhe com razão que não era para desprezar um tão novo e perigoso accidente, qual seria gostarem os turcos das riquezas de Sofalla, e fazerem-se tão poderosos que, ou de todo se perdesse, ou soffresse grande diminuição o nosso commercio, mandou no anno já de 1587 uma armada de dezoito baixeis ás ordens de Martim Affonso de Mello, a emendar os damnos presentes, e a prevenir remedio para os futuros que se podiam temer. A sua primeira operação foi o castigo da cidade de Ampaza que era uma das que se ligavam com o turco em nossa opposição. Aportou depois a armada em Melinde, cujo rei seguindo as pizadas dos predecessores era grande amigo nosso; e em próva da sua fidelidade e affectuosa inclinação veio em pessoa visitar a Martim Affonso.—Entrou na galé capitânia mui contente e galante. Vinha vestido com uma cabaia de damasco rôxo; trazia na cabeça uma touca branca, bordada, perfilada d'ouro, capa de graã, calções portuguezes, ricas alparcas nos pés, e cingido com um terçado que elrei D. Manuel mandára a um dos reis seus antepassados. Era mancebo de vinte e quatro annos, de côr baça, e mui grave.—Tanto que entrou na galé assentou-se na cadeira do capitão-mór, e este mandou que se assentasse em um banco que alli estava.—Festejou muito a vinda da nossa armada, e os mouros seus vassallos fizeram grandes demonstrações de alegria e contentamento.—D'alli partiram para Mombaça, objecto principal da nossa indignação, por haver sido tambem aquelle rei o principal motor da ousadia do turco, e o que mais o excitára a que voltasse, contribuindo para os gastos com grandes sommas. Quiz o de Melinde achar-se na empreza com alguns dos seus, e em breve chegaram a Mombaça.—Desembarcam os portuguezes e entre tanto deixou o capitão-mór entregue a armada a elrei de Melinde, galanteria de que elle fez singular estimação.—Achava-se o de Mombaça com 7:000 combatentes, e promettia grandes esforços em defesa da sua pessoa e reino, mas vendo o nosso poder e temendo a nossa resolução descahiu de animo, e neste dia, 5 de Março do referido anno, nos deixou não só a cidade, mas toda a ilha, e logo se virão em uma e outra, entregues ao fogo e ao ferro, edificios e palmares.

(Ann. Hist.)